

2008

# Um Vento Bom

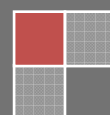
[Type the document subtitle]

Crónica na revista Com'Out, Agosto 2008.

Miguel Vale de Almeida

MIGUELVALEDEALMEIDA.NET

2008



Um vento bom

Em Portugal lemos, por um lado, as notícias sobre homossexuais enforcados em praça pública em países dominados por regimes totalitários e, por outro, lemos as notícias sobre países onde os e as homossexuais atingiram a plena cidadania legal. Se as primeiras notícias parecem vir de longe, as segundas vêm de bem perto. Em rigor, do país vizinho. O tal do “nem bom vento nem bom casamento”...

Que fez a democracia espanhola para acabar com a homofobia institucional? Começou por identificar que leis geravam desigualdade, sabendo que a homofobia vive nas e das limitações à sexualidade, à expressão do género, à reprodução, à parentalidade e à família. Depois do gesto fundamental (que também fizemos em Portugal) da descriminalização da homossexualidade, Espanha foi acrescentando democracia à democracia: uma lei de procriação medicamente assistida (PMA) que não discrimina as lésbicas; um Código Civil de onde se retirou a referência ao sexo diferente dos cônjuges, criando assim igualdade no acesso ao casamento e à adopção; e uma lei de identidade de género. É por isso que hoje a Espanha é o exemplo de igualdade a que recorremos sem hesitação. Como, para o contrário, recorremos à Arábia Saudita ou ao Irão.

E nós? Nós estamos algures no meio, mas infelizmente nesse meio não está a virtude. Temos uma das 3 constituições do mundo que explicita que não se pode discriminar com base na orientação sexual; temos uma lei de uniões de facto que discrimina entre casais hetero e homo no plano da adopção; temos uma lei de PMA que exclui as mulheres sem companheiro ou marido e, logo, as lésbicas; e não temos uma lei de identidade de género. Estaremos mais para a Arábia Saudita do que para a Espanha?

Sejamos optimistas: a verdade é que as coisas estão a mudar e graças à questão do casamento. Mas preparemo-nos: uma certa homofobia encapotada vai propor soluções de segunda categoria, “união civil registada”, um casamento mas com outro nome, reservando para os heterossexuais um privilégio simbólico. E vai explorar os piores fantasmas em torno das crianças para propor que a adopção fique de fora. Foi o que aconteceu nalguns países e foi o que a coragem democrática da Espanha recusou que acontecesse. As ditas soluções de compromisso mais não são do que compromissos com a homofobia.

Quando, nos EUA, se aboliu a proibição do casamento inter-racial, passou-se para a igualdade plena, e não para uma “união civil” específica para os casais mistos. O nome da coisa importa;

os símbolos importam. *Poder aceder* aos mesmos símbolos é poder aceder à mesma dignidade e reconhecimento. Isso só se consegue com a igualdade.

A classe política portuguesa devia virar a cara para Espanha e sentir o vento....